



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13078 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT22 - Educação Ambiental

O INFER(CE)NO: PERSPECTIVA ECOLOGISTA E EXERCÍCIO ÉTICO-POLÍTICO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Rodrigo Barchi - UNIVERSIDADE DE SOROCABA

### O INFER(CE)NO: PERSPECTIVA ECOLOGISTA E EXERCÍCIO ÉTICO-POLÍTICO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

**Resumo:** Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de pós-doutorado, realizado no encontro entre os campos da educação ambiental, da educação em ciências e da filosofia da educação, pautando-se na compreensão desta última como exercício de criação de conceitos na educação. Neste sentido, se propõe, como conceito criado, o Infer(ce)no, o qual, integrado às noções mais recentes para caracterizar a atual era geológica (Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno, entre outros), busca não somente caracterizar a contemporaneidade como transformação completa do planeta em um conjunto enorme de paisagens infernais, mas como noção que permita ao campo das educações ambientais se entenderem como exercício de resistência aos projetos de pilhagem, destruição, queima e apagamento da existência, seja em relação aos sentidos que a determinam, seja em relação à sua literal materialidade. Além disso, a noção de Infer(ce)no se propõe como exercício ético e político de compreensão da constituição dos sujeitos e das coletividades ativas.

**Palavras-chave:** Infer(ce)no; Educação Ambiental; Perspectivas Ecologistas em Educação; Ética; Política.

A ecologia entendida como perspectiva política de movimento social, especialmente em escopos mais radicais, sempre teve, como pano de fundo, dois horizontes: o utópico e o catastrófico. O primeiro sonhava com uma transformação radical das relações sociais e econômicas entre os seres humanos, e entre estes e as outras formas de vida e o próprio

planeta. Exemplos não faltam: a noção de Ecotopia, de Ernest Callenbach; o Ecodesenvolvimento de Ignacy Sachs; o municipalismo libertário de Murray Bookchin; o Desenvolvimento Sustentável para além das perspectivas institucionais da Unesco, como a implantada no Estado do Amapá, nos anos 90 do século XX; as perspectivas ecologistas em educação, no Brasil, que trouxeram as propostas mais anárquicas e radicais do pensamento de Paulo Freire (REIGOTA, 2021; BARCHI, 2021; GONZALEZ; RAMOS, 2021) para as educações ambientais mais libertárias; e uma série de outras propostas, ligadas às iniciativas de grupos camponeses e dos povos originários da América Latina, como as mais recentes aproximações dos zapatistas com as ecologias, e das agroecologias e dos cerimoniais ao redor da entidade de Pachamama (BERMUDEZ, 2016).

O segundo horizonte, de caráter pessimista, escatológico e apocalíptico, apesar de muitas vezes ainda compartilhar com as perspectivas utópicas e/ou heterotópicas do primeiro grupo, já não se preocupa mais em gastar os sonhos em projetos na construção de novas paisagens terrestres, de existências pacíficas dos humanos entre si, e entre eles e a própria Terra com os outros seres. Esse segundo grupo dos ecologistas radicais – menos esperançosos, mas não passivos perante a hecatombe ecológica – sugere que a ação política esteja na prática de resistência à destruição e no adiamento do fim do mundo. Essa vertente múltipla é atravessada pelos alertas realizados pelas lideranças dos povos originários brasileiros (KRENAK; 2019; KOPENAWA; ALBERT, 2015), pelo grito dados por conjuntos culturais e musicais daquilo que vem se constituindo como Música Extrema, pela poesia sonora do rap paulistano que "sobrevive ao inferno", e pelos próprios debates que uma série de pesquisadoras e pesquisadores (HARAWAY, 2016; 2019; TSING, 2019; FAUSTO, 2020; DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014; REIGOTA, 2021) vêm realizando sobre as possibilidades de continuidade da existência perante as ruínas, o apocalipse, a ausência de sentido e as imagens infernais que se reproduzem com mais intensidade.

Neste sentido, diversos conceitos e noções, sobre a compreensão daquilo que se faz com o planeta, estão sendo sugeridos nos últimos 30 anos, para dar conta da transformação climatobotânica, geológica, oceanográfica e paisagística ocorrida, em especial, desde o advento da indústria e do uso dos combustíveis fósseis, de meados dos oitocentos para cá. Antropoceno (CRUTZEN; STOERMER, 2013), Capitaloceno (MALM, 2018), Plantationceno (HARAWAY, 2016), Chthuluceno (HARAWAY, 2019) Novaceno (LOVELOCK, 2019) e Renovaceno (FRANCO, 2021), longe de serem instrumentos conceituais divergentes e antagônicos para a desnudação do presente, nos trazem uma série de elementos agregadores e constituintes, para pensar sobre quais superfícies as/os educadoras/es ambientais poderão agir e construir outras formas de existência, mesmo perante e sob o fogo cruzado dos impactos, predações e pilhagens humanas.

Portanto, a proposta desenvolvida neste trabalho, que expõe os resultados finais das investigações de pós-doutorado em educação em ciências no diálogo com a filosofia da educação e das educações ambientais, é que tanto diante da ação antrópica e dos saques e homogeneizações promovidas pelo capital em sua ação e pensamento únicos (SANTOS,

2000), quanto da reação de Gaia (STENGERS, 2015) e das possibilidades de renovação perante o horror estabelecido, é possível e/ou necessário pensar na noção de Infer(ce)no como ferramenta conceitual. Menos que alternativa aos conceitos anteriores, ela se propõe como uma perspectiva ecologista de educação, no que diz respeito a elaborar planos de ação e outros ativos esperançares diante das paisagens e vidas infernais – humanas e não humanas – que se impõe, em especial, aos seres que não estão inclusos no butim das trevas, do qual o planeta é o prato.

Quando sugerimos Infer(ce)no, reino do diabo (LINK, 1998), não é proposta uma noção na qual nossa vida já é de única e exclusiva condenação, e que se vive sob a contínua existência de tortura e sofrimento, devido à possíveis pecados e desobediência aos ditames doutrinantes das tábuas régias. Aqui, o que se propõe é o estabelecimento, nas vidas cotidianas dos seres humanos e não humanos, a lenta – mas em aceleração – transformação da vida na Terra, nas paisagens sugeridas, por exemplo, nas poesias de Dante Allighieri (2019) e John Milton (2021), que se equivalem aos infernos cristãos. Mas ao inverso das mesmas – não entrando aqui no debate crítico que Sloterdijk (2004) realiza sobre as infernologias do italiano e do britânico – que exploram infernos *post-mortem*, tácitos e punitivos sobre as existências não disciplinadas e obedientes, a noção de Infer(ce)no está ao redor das vidas cada vez mais infernais vividas nos ambientes urbanos, nas fronteiras agrícolas das paisagens naturais, dos cotidianos escolares ameaçados pela crescente e oculta violência, e da cada vez mais intensa, como já citada, produção das ausências de sentido, que intencionam em esmagar os últimos rincões das potências de agir político.

Pensar em Infer(ce)no, portanto, é, em primeiro lugar, exercer uma perspectiva ecologista de educação. Menos que implantar um novo horizonte equivocadamente universalista de derrubada de um determinado ente político econômico, como primeiro passo para a construção de sociedades ecológicas que nos tirem do inferno e nos devolvam ao paraíso que nos pertence, a noção desnuda sobre quais ecologias são possíveis nos infernos implantados pelo sistema socioeconômico hegemônico, o qual busca não só esgotar, cooptar e monetizar todos os recursos naturais, culturais e sensoriais, mas também os transforma, com cada vez mais velocidade, em resíduo descartável e impossibilitado de ser reutilizável. E também produzir possibilidades de se impedir a expansão dos crescentes infernos. Lembramos que o Infer(ce)no, nessa perspectiva, ainda não é o inferno já pleno, mas em implantação.

Em segundo lugar, e integrado à perspectiva ecologista de educação, propomos que Infer(ce)no é conceito, ou seja, uma ferramenta e/ou instrumento de exercício de pensamento – ao redor das estratégias e práticas de pensar de Deleuze e Guattari (1992) – que nos impede de fazer educações ambientais pautadas em interpretações e análises já datadas e/ou que não são capazes mais de dar conta da miríade de capilaridades criadas pelas esquizofrenias implantadas pelo capitalismo contemporâneo (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Ou seja, ao propormos o Infer(ce)no como exercício para realizar uma filosofia da educação ambiental intencionamos, através da criação de conceitos, compreender nas múltiplas perspectivas

daqueles que são “infernados”, a constituição das paisagens terrestres, que se impõe, cada vez mais, como semelhantes às escatologias infernais das poesias escolásticas, renascentistas, modernas e contemporâneas.

E por último, é necessário endossar aqui que Infer(ce)no também é posicionamento ético-político de educação ambiental (ou educações ambientais, no plural). Ético tanto no sentido foucaultiano de exercício de compreensão da constituição de si perante o abismo infernal das conjunturas contemporâneas, passando pela relação com o outro, de Levinas, até chegar às preocupações de Hans Jonas, no que diz respeito ao princípio responsabilidade e à justiça intergeracional. Político, no que diz respeito não somente ao compromisso ético que se assume ao lutar contra a expansão infernal, quanto ao tipo de associação com o outro, nas possibilidades de resistência ao exercício de exploração, hierarquização, cooptação, exclusão, apagamento e aniquilamento de quem não se filia ao programa de extermínio e destruição.

Caracterizar as paisagens terrestres e as percepções coletivas e singulares exclusivamente como infernais, principalmente diante das tarefas das educações ambientais, em suas multiplicidades, pluralidades, enlaces e desenlaces, é limitar tanto o escopo do amplo campo que as constituem, assim como pauta-se pelo (mau) risco de desmobilização e desânimo das próprias educadoras e educadores, visto que se tudo é inferno, não resta mais nada é se amalgamar a ele e cuidar exclusivamente de si (SLOTERDIJK, 2004, p. 528), visto que se torna impossível reverter essa propensão às trevas. Pensar “infer(cê)nicamente” não se trata de uma via de mão única, em direção à conformidade.

Do contrário, é uma perspectiva que visa, justamente, perceber e compreender a transformação da vida cotidiana e do ambiente que nos cerca em inferno. Perante a constante instauração do apagamento dos sentidos – do esquecimento frio que John Milton sugeria com o inferno, em conexão à produção de ausência de sentidos de Reigota – e a lógica imposta de que o trajeto é justamente a via de mão única da ação do capital, ao perceber a era de produção de infernos que se coloca diante de nós, é tarefa das educações ambientais denunciarem e buscarem ao máximo, criar pensamentos e ações de resistência, bloqueio e combate ao completo desmoronamento da existência. Nem que para isso, aproveitando a sugestão de Corazza (2002), seja necessário reverter a lógica infernal, criar infernos aos promotores do inferno, de forma que se possa, ao mínimo, respirar lufadas de ar fresco.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Trad. Ítalo Eugênio Mauro. 5ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2019.

BARCHI, RODRIGO. O que a música extrema tem a dizer às educações?. In: Maria Leticia Briseño Maas; Abraham Nahón; Lorena Córdova-Hernández; Alda Regina Romaguera. (Org.). **Arte, educación y diversidad transcultural: prácticas creativas, identidades y conocimientos comunitários**. Oaxaca: UABJO: ABL: CIIIE, 2021

BERMUDEZ, Luis, Mujica. **Pachamama Kawsan**: Hacia uma Ecologia Andina. Lima: INTE-PUCP, 2016.

CORAZZA, Sandra Maria. **As pedagogias do Inferno na Educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. "'The 'Anthropocene'' (2000)". **The Future of Nature: Documents of Global Change**, edited by Libby Robin, Sverker Sörlin and Paul Warde, New Haven: Yale University Press, 2013, pp. 479-490.

DANOWSKI; Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto SocioAmbiental, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia**. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FAUSTO, Juliana. **As cosmopolíticas dos animais**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

FRANCO, Edgar. **Renovaceno HQ**. Goiânia: Editora Merdanamão, 2021.

GONZALEZ, Soler, RAMOS, Andreia Teixeira. Educação ambiental nas redes educativas do grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoieticas. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, 38(3), 73–97, 2021. <https://doi.org/10.14295/remea.v38i3.13414>

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom Cultura Científica**. Campinas, ano 3, n. 5, p. 139-146, abr. 2016. Disponível em: . Acesso em 10 set. 2021.

HARAWAY, Donna. **Seguir com el problema: generar parentesco em el Chthuluceno**. Trad. Helen Torres. Bilbao: Consoni, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomâmi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista De Antropologia**, v. 1, n. 57, p. 11-31, 2014. Disponível em: . Acesso em 23 ago. 2021.

LINK, Luther. **O Diabo: A máscara sem rosto**. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOVELOCK, James. **Novaceno: o advento da era da hiperinteligência**. Coimbra: Ecições 70, 2020.

MALM, Andreas. A perspectiva da Dominica: Antropoceno ou Capitaloceno? **O Correio da Unesco**, n. 2, abr-jun. 2018, p. 23-25. <https://pt.unesco.org/courier/2018-2/perspectiva-da-dominica-antropoceno-ou-capitaloceno> Acesso em 27 de set de 2021.

MENDES, J. O “Antropoceno” por Paul Crutzen & Eugene Stoermer. **Anthropocenica. Revista De Estudos Do Antropoceno E Ecocrítica**, v. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.3095>. Acesso em 10 out. 2021

MILTON, John. **Paraíso Perdido**. Trad. Daniel Jonas. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2021.

REIGOTA, Marcos. Fragmentos de Havana: “Al final de este viaje...” com Nita e Paulo Freire. In: FREIRE, Ana Maria Araújo. **A palavra *boniteza* na leitura de mundo de Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas II: Globos**. Trad. Isidoro Reguera. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosacnaify, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Trad. Thiago Mota Cardoso et al. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.